

# REVISITAR O ESTUDO DOS PESOS DE TEAR DE CASTELO VELHO DE FREIXO NUMÃO. AS DEPOSIÇÕES COMO UMA ANTOLOGIA DE EXISTÊNCIAS

## *REVISITING THE STUDY OF THE LOOM WEIGHTS FROM CASTELO VELHO DE FREIXO DE NUMÃO. THE DEPOSITIONS AS AN ANTOLOGY OF EXISTENCES*

Sérgio Gomes

CEAACP - Universidade de Coimbra

### RESUMO

Neste texto é reavaliado um trabalho anteriormente apresentado acerca dos pesos de tear do recinto de Castelo Velho de Freixo de Numão (Gomes 2013). É discutido o modo como tal trabalho desenvolve a análise dos contextos onde aparecem este tipo de artefactos e as conclusões a que se chegou em tal análise. A partir da ênfase que foi dada à prática de deposição na interpretação dos contextos, salienta-se que não foram exploradas as possibilidades interpretativas que as deposições comportavam enquanto uma unidade do registo arqueológico. Com efeito, a argumentação suspende a interpretação das deposições a uma escala contextual, subindo à escala do recinto para posicionar as práticas de deposição no quadro de relações intra e inter-comunitárias que estariam associadas à sua construção. Neste movimento, é reproduzido um esquema narrativo que tem privilegiado a ação de outras entidades (a arquitetura e a cerâmica, por exemplo) como estratégia de organizar a narrativa. Para além disto, este movimento também parece ignorar que as práticas de deposição – enquanto práticas de consignação de diferentes elementos – fazem emergir novas entidades, que teriam participado na cena social das comunidades pré-históricas. Face a isto, defende-se que é necessário reorientar a análise e os esquemas narrativos para recriar o lugar destas existências nas narrativas que produzimos sobre a pré-história.

**PALAVRAS CHAVE:** pesos de tear; recintos murados; Pré-história Recente; contexto; deposição; narrativa

## **ABSTRACT**

This text reviews a previous study about the loom weights from Castelo Velho de Freixo de Numão (Gomes 2003). By analyzing how the contextual analysis was developed and how it was focused on the identification of deposition contexts/practices, it is discussed how the importance of such contexts is then diminished regarding a hegemonic discourse on the architecture of the enclosure. Indeed, the study suspends the interpretation of depositions on a contextual scale, moving up to the scale of the site within which depositions practices are interpreted as part of intra and inter-community relationships associated to the construction of the enclosures. Moreover, this orientation of the interpretation also seems to ignore that within the deposition practices - as practices of consigning different elements - emerged new entities forged by the assembling and mixing of different elements. These new entities would have participated in the social scene of prehistoric communities, however in the construction of the archaeological narrative they are overshadowed regarding a main actor: the enclosure. In view of this, it is argued that it is necessary to reorient the analysis and narrative schemas in order to create a place for these new entities; to create a point of view on their existence.

**KEY WORDS:** loom weights; walled enclosures; Late Prehistory; context; deposition; narrative

## **INTRODUÇÃO**

Este texto é um trabalho de reescrita; como todos os textos. Neste caso sinto mais esta condição de reescrita porque o que aqui se reescreve é um texto apresentado há quase dez que, por sua vez, se fazia corresponder com um texto redigido durante o ano de 2003: uma tese de mestrado em arqueologia, apresentada à FLUP, que versava sobre um estudo feito sobre os pesos de tear, e outros elementos considerados em relação com a prática da tecelagem, no Castelo Velho de Freixo de Numão (Gomes 2003). A palavra *revisitar*, usada

no título deste texto, invoca este trabalho de reescrita; invoca as ligações entre um texto publicado, um texto por publicar e um texto em publicação. Um trabalho de reescrita que me pareceu necessário depois da leitura do texto de há dez anos; um trabalho de reescrita porque há dez, como agora, o que está em jogo são as possibilidades de estudar o que se enuncia no restante título deste texto: os pesos de tear de Castelo Velho Freixo de Numão.

Em linhas gerais, no texto 2003, foram exploradas duas possibilidades de se estudar os pesos de tear: a análise tipológica e a análise contextual. Aqui, daremos maior relevância à análise contextual, centrando a atenção no modo como foram definidos os contextos em 2003 e os exercícios de interpretação dessa leitura do registo arqueológico. Como veremos, a delimitação dos contextos de pesos de tear encontrava-se em associação com a individualização de unidades espaciais, ou espacialidades (Ledrut 1999), cuja coerência/sentido permitia o reconhecimento de práticas sociais em que os pesos de tear teriam participado. Na problematização de tais cenários, destacava-se a prática de deposição como estratégia para compreender o sentido da presença dos pesos de tear neste recinto murado da Pré-história Recente do Alto Douro. Na edificação de tal sentido, privilegiou-se a interpretação global do recinto como um dispositivo arquitetónico num processo de monumentalização da paisagem (e.g. Jorge 1994, 1999), para o qual não era possível conceber uma função específica, a não ser o de constituir uma arena social de negociação de relações de identidade, memória e território por parte de comunidades em vias de consolidação de um sistema agro-pastoril. Esta perspetiva desafiava a interpretação das possibilidades de os pesos de tear terem participado em tal arena, excedendo a sua manipulação no âmbito do sistema de atividades relacionados com a tecelagem, e prestando-se à sua manipulação em práticas de deposição associadas a um processo de monumentalização da paisagem. No quadro desta orientação teórica, a leitura do registo arqueológico procurava o reconhecimento de contextos de deposição. Em 2003, o estudo contextual dos pesos de tear foi, deste modo, conduzido no sentido de atualizar uma narrativa ampla a uma escala de análise definida em função de uma categoria de artefactos.

Tendo em conta a orientação que foi dada ao estudo de 2003, parece-me ser necessário a sua revisitação no sentido de discutir: por um lado, os

contextos de deposição enquanto objeto de análise em arqueologia pré-histórica; e, por outro lado, o modo como participam na produção das narrativas sobre a Pré-história Recente. Considerando o objetivo desta revisitação, este texto começará por abordar alguns dos contextos definidos em 2003, e o modo como tal estudo se articula com outros estudos acerca da natureza e do papel das deposições nos recintos murados de Castelo Velho (Baptista 2003; Gomes 2003; McFadyen 2016; Oliveira 2003, Jorge 2005, 2014) e Castanheiro do Vento (Vale 2003, 2011, no prelo). Posteriormente, questionaremos os desafios que o objeto de análise deposição aporta às dinâmicas narrativas em arqueologia pré-histórica. Para tal, será enfatizado que as deposições, sendo uma prática de consignação de diferentes elementos num mesmo espaço, são uma prática de composição de novas entidades; novos agentes que é necessário considerar nas narrativas sobre a pré-história. Assim, com o pensamento de M. Foucault (2006 [1977]) e M. Plucienick (1999, 2002), procura-se olhar as deposições como uma unidade (que resulta da congregação de múltiplas unidades) cuja singularidade se desvanece nas narrativas arqueológicas, sendo necessário vincar o papel destas unidades na edificação da narrativa sobre o passado; sendo necessário fazer uma antologia de existências (Foucault *ibid.*) que, dando conta da sua singularidade, desafie as práticas discursivas em arqueologia.

### **(Gomes 2003): um registo dos pesos de tear de Castelo Velho de Freixo de Numão**

#### **O desafio do texto**

O texto de 2003 foi escrito tendo em consideração a discussão do papel dos recintos murados no contexto das dinâmicas de territorialização e consolidação do sistema agro-pastoril da Pré-história europeia. O que estava em causa, era a desmistificação de uma imagem de povoado fortificado – ou fortificação – construída por propostas interpretativas da corrente histórico-cultural e da corrente processual (Jorge 1994). No âmbito destas correntes, os recintos seriam o resultado de pressões demográficas (decorrentes de migrações ou crescimento interno de populações), que teriam desencadeado uma complexificação de dinâmicas sociais e modos de produção, estabelecendo

um regime de competição por recursos, no qual a estratégia de fortificar espaços teria sido a resposta lógica por parte de comunidades sedentárias cada vez mais dependentes dos seus territórios de exploração. A eficácia desta orientação teórico-metodológica, e a atração da imagem explicativa que proporciona, fez-se sentir na primeira abordagem feita ao Castelo Velho (Jorge 1993), na qual o sítio é apresentado como um povoado fortificado e enfatizada sua importância no quadro da definição da sequência cronológica e cultura da pré-história recente do norte de Portugal. Porém, num exercício verificacionista dos modelos explicativos avançados por estas correntes arqueológicas, no qual o Castelo Velho era comparado com outros sítios semelhantes da Península Ibérica, é salientado que o sítio, a par dos outros sítios peninsulares, não apresenta indícios que permitam sustentar a explicação da construção de povoados fortificados (Jorge 1994). Isto é, o registo arqueológico não apresenta elementos que, de modo inequívoco, atestem a interação, a complexificação e a intensificação de relações intra e inter-comunidades que suportariam um tal estado de competitividade, justificando o aparecimento de territórios polarizados em torno de fortificações para albergar pessoas e bens e vigiar o território.

Face à inoperatividade da interpretação disponível para este tipo de dispositivos arquitetónicos, tornou-se importante perguntar de que servia analisar um dispositivo arquitetónico em arqueologia. E face a esta pergunta, entender a arquitetura como uma prática de delimitação espacial e temporal, na qual se congregam diferentes materiais, e com os quais se recriam as condições de ação (Jorge 1994). Quer isto dizer que o inquérito arqueológico deveria fazer-se acompanhar do pensamento dos arquitetos no seu processo de recriação das dinâmicas temporais e espaciais para compreender os vestígios do passado. Tal vontade de compreender a singularidade arquitetónica implicou uma reorientação do inquérito colocado ao Castelo Velho. Com efeito, à metáfora do arqueólogo detetive, que tende a desenvolver-se numa lógica de causalidade – de causa/efeito – procurando no registo os efeitos de determinadas causas, contrapõe-se um questionário acerca das possibilidades e limites de ação (Jorge 1994; Barrett 1994, 1997). Assim, no diálogo entre a arqueologia e a arquitetura, os recintos deixam de ser discutidos à luz de um inquérito que privilegiava o conhecimento da sua função num processo de territorialização e consolidação do sistema agro-pastoril, para serem

analisados enquanto lugares cuja construção, estando associada a tal processo, participa enquanto prática que lança as condições para uma possível emergência de unidades territoriais e identitárias.

Nesta reorientação do inquérito, os recintos tornam-se um objeto de análise para discutir as possibilidades de devir destas comunidades. O texto de 2003 articula-se com esta inversão e ensaia com os sentidos que podem ser lidos no registo arqueológico. A análise contextual desenvolvida afasta-se da relação imediata entre estes artefactos e o sistema técnico da tecelagem, tentando compreender o modo como teriam participado na construção deste lugar. Em linhas gerais, deixa de ter em conta os pesos como um indício de uma determinada atividade – a tecelagem – e presta mais atenção ao modo como participavam na delimitação das possibilidades de ação no Castelo Velho. Nesta direção do inquérito, e com base na análise contextual, tenta pensar os pesos como dispositivos que, na sua articulação com outros dispositivos, potenciavam a transformação das dinâmicas sociais em que se encontravam a participar. Os contextos dos pesos de tear pareciam ironizar com a tecelagem de formas muito distintas: os pesos apareciam em grupos ou isolados; apareciam em associação com restos humanos; dentro do murete delimitador do recinto; ou na base das estruturas... reportando-nos, com essa ironia, para uma onírica prática de deposição de objetos, na qual eram congregados diferentes elementos e negociados os seus sentidos. No texto de 2003, os pesos de tear não eram pesos de tear, pareciam ser outra qualquer coisa; e nessa condição de outra qualquer coisa desafiavam como se podia interpretar o registo arqueológico.

## **A abordagem contextual**

O método da abordagem contextual utilizado em 2003 era descrito da seguinte forma:

“Numa primeira abordagem procede-se à caracterização e contextos identificados em campo onde ocorrem “pesos de tear”. A caracterização varia de contexto para contexto devido ao facto de, neste momento, não estar disponível o estudo de outras categorias de artefactos cujo conhecimento contribuiria decisivamente para uma abordagem mais exaustiva desses contextos. // Todavia, considerou-se que seria necessário proceder, numa primeira fase, à

selecção de contextos tendo como critério principal a sua preservação. Quanto aos restantes contextos onde ocorrem “pesos de tear”, a sua abordagem prescinde-se para outros momentos de pesquisa. Sempre que possível, procedeu-se à sua correlação com contextos estudados no sentido de criar novas hipóteses de trabalho. // A interpretação dos contextos processa-se em função de três grandes parâmetros: o primeiro prende-se com a sua localização e composição, o segundo diz respeito às questões técnicas levantadas aquando da abordagem tipológica e dos exercícios de inferências de actividades, o terceiro corresponde à associação do contexto (particular) com as grandes áreas do monumento (geral). Sempre que possível recorre-se à abordagem de outros contextos (particular) no sentido de contribuir para uma problematização das interpretações que possam decorrer deste processo. // Está-se, desta forma, no âmbito da tentativa de interpretar o registo arqueológico enquanto uma acumulação de espacialidades decorrentes de múltiplas acções humanas e fenómenos pós-deposicionais, sendo que a única forma de abordar esse palimpsesto passa pela definição de limites e da articulação dessas unidades num todo que lhe confere coerência, dependendo simultaneamente das singularidades identificadas para funcionar coerentemente” (Gomes 2003: 120-121).

A estes procedimentos subjazia uma ideia de contexto enquanto uma unidade de registo que se constrói no processo interpretativo e cujos limites dependem do ponto de vista do intérprete (Thomas 1999: 95). O contexto seria uma unidade em articulação com outras unidades. Enquanto parte de um todo com o qual interage no sentido de uma actualização de ambos, sendo que a interpretação do contexto deveria ser orientada no sentido de compreender os modos pelos quais se torna possível essa actualização. Assim, a abordagem contextual procurava discutir as tensões nas quais as unidades e o todo se constituem enquanto tal. Os limites físicos identificados no trabalho de escavação serviam de primeira abordagem à definição dessa unidade, estando o estudo limitado a um conjunto de contextos delimitados em campo. Porém, a construção de contextos era entendida como um procedimento que excede o momento de escavação e, neste sentido, o trabalho a realizar era o de procurar delimitar novos contextos dos pesos. Assim, partindo da análise da distribuição espacial, enunciava-se um conjunto de hipóteses de delimitação de outros contextos (Gomes 2003: 134-136). Os exercícios de interpretação do registo arqueológico não eram assim uma leitura indolente de

um diário de escavação, mas o modo como pela contextualização (entendida como um modo de discussão da articulabilidade dos fenómenos (Zemelman 2003), esse diário podia estar em permanentemente reescrita. Com efeito, o modo como foi orientada a análise contextual, privilegiava o ensaio com as espacialidades (Ledrut 1999) dos pesos, isto é, ensaiava com as possibilidades de delimitação de diferentes coerências espaciais a partir de um registo que nos foi dado a experimentar. Nesta procura de coerência, e na imaginação de práticas para os limites espaciais que foram sendo equacionados, as deposições são uma imagem forte que, apesar de pouco nítida, permitiu uma compreensão para a presença dos pesos.

## Deposições

A análise contextual permitiu identificar a participação dos pesos nas seguintes práticas:

“objectos que mimetizam aspectos relacionadas com a tecelagem; objectos depositados em actividades relacionadas com a “fundação” de estruturas; objectos depositados aquando da “construção/ manutenção” de estruturas; objectos depositados em actividades associadas à “condenação” de estruturas; objectos depositados no interior e em redor de estruturas; objectos depositados num processo de manipulação social de ossos humanos” (Gomes 2003: 136-137).

Entre estas práticas, parece haver uma linha em comum: a deposição de elementos que, de um ponto de vista material, se expressa numa acumulação circunscrita espacialmente e que, de um ponto de vista arqueológico, apresenta uma expressão que leva à sua individualização entre os elementos que compõem o registo arqueológico (veja-se as Figuras 1, 2 e 3 relativas a diferentes contextos de deposição estudados em 2003). Estas deposições destacavam-se, então, pelo reconhecimento de uma certa rigidez formal, que se entendia como preservada, na qual se admite existir uma intenção de agregação de diferentes elementos que teriam concorrido no horizonte de experiência das comunidades pré-históricas. A identificação da deposição relacionava-se, deste modo, com a fisicalidade do contexto arqueológico, não sendo, porém, uma interpretação acerca do sentido desse contexto. É um ponto de partida para se indagar o seu sentido.

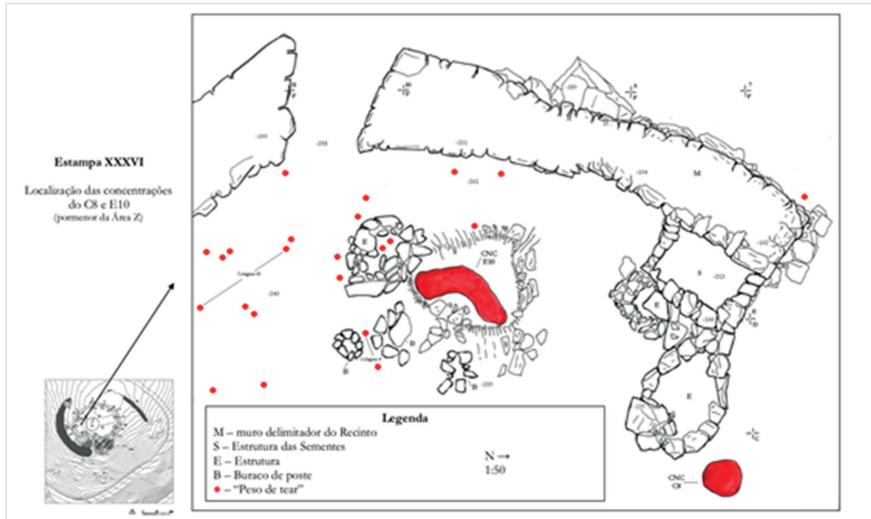


Fig. 1 – Gomes 2003: Estampa XXXVI. Representação gráfica da distribuição especial dos pesos de tear na Área Z, uma área de concentração de diferentes categorias artefactuais, localizada no lado oeste do recinto (Jorge 2002). Nesta área, onde ocorre um elevado número de pesos de tear, foram também identificadas duas concentrações: a CNC E10; e a CNC C8.

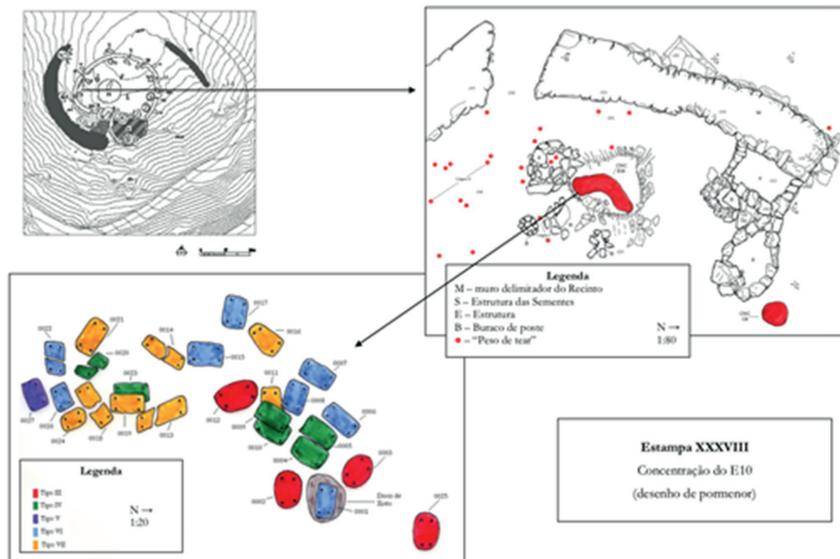


Fig.2 – Gomes 2003: Estampa XXXVIII. Representação gráfica relativa à concentração CNC E10.

No texto de 2003, esta concentração é lida no sentido de ensaiar diferentes duas possibilidades interpretativas: um contexto de ruína de um tear vertical; um contexto de armazenamento dos pesos, que poderiam posteriormente ser utilizados na montagem de diferentes soluções de urdiduras. No desenvolvimento destas duas hipóteses, chama-se a atenção para a proximidade espacial deste contexto com a estrutura das sementes, identificada com a letra S, na qual o enchimento con-funde fragmentos cerâmicos e sementes de cereal sugerindo um contexto de deposição de diferentes elementos que participariam num contexto de armazenamento (Jorge 2002). Considerando a natureza deste contexto, e a sua proximidade relativamente à concentração de pesos, pergunta-se se tal concentração não estaria envolvida também num cenário de deposição, na qual seria invocada a prática da tecelagem. E, na mesma linha interpretativa, questiona-se a concentração CNC C8 não teria estado também relacionada com esta prática de deposição.

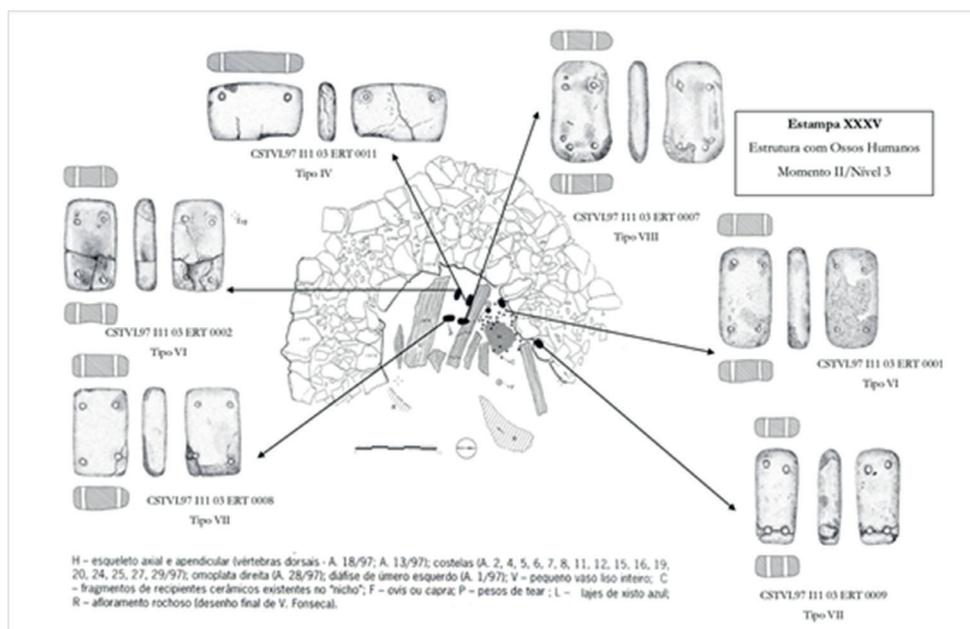


Fig.3 - Gomes 2003: Estampa XXXV. Representação gráfica da distribuição espacial dos pesos de tear num dos momentos de enchimento da estrutura ritual com ossos humanos (Jorge 2002). Na análise deste contexto, salientava-se o modo como os pesos participavam em diferentes momentos de uma realidade englobava, entre outros elementos, ossos humanos.

Na exploração do sentido destas deposições, o texto de 2003 ensaia a sua associação ao conjunto de práticas que teriam sido desenvolvidas neste recinto no âmbito de uma atualização de relações intra e inter-comunitárias. Esta orientação prende-se com a irredutibilidade destas deposições. Face à impossibilidade de se manter um discurso à escala de análise contextual, suspendia-se a análise da especificidade destes contextos e, subindo a escala de análise, a sua diferença era domesticada num discurso sobre o recinto e o seu papel no processo de sedentarização e consolidação do sistema agro-pastoril. Ou, por outras palavras: o Castelo Velho não era um povoado fortificado porque os seus contextos não permitiam inferir a domesticidade de um povoado, nem as estruturas apresentavam um caráter defensivo que permitisse pensar a sua eficácia num contexto de estratégia militar; os pesos de tear não eram usados como pesos de tear porque o contexto não permitia inferir de forma inequívoca a sua ligação à prática da tecelagem; as deposições não permitiam estabelecer uma plataforma suficientemente inteligível que permitisse ensaiar um discurso sobre a sua diferença; e, sem outro recurso à vista, o discurso sobre as deposições, e sobre os pesos, diluía-se no discurso sobre o dispositivo arquitetónico para manter a singularidade destas entidades.

A propósito da diluição da singularidade das deposições no discurso sobre os recintos, veja-se o modo como os trabalhos de Lúcia Baptista (2003), Lesley McFadyen (2016), Maria de Lurdes Oliveira (2003), Susana Soares Lopes (Jorge 2005, 2014) e Ana Vale (2003, 2011, 2019) acabam por revelar uma dinâmica idêntica.

Vale (2019) a propósito da ocorrência de 41 fragmentos cerâmicos, um fragmento de chifre de bovívdeo, espinhas de sável ou savelha, um peso de tear, uma lasca de quartzito e um núcleo em quartzo leitoso no interior de uma pequena estrutura de lajes de xisto, liga esta acumulação/deposição à invocação de elementos a diferentes elementos da geografia regional e aos ciclos temporais em que se processa a construção de Castanheiro do Vento. Nesta invocação de espaços e tempos, Vale vê a deposição – enquanto congregação/consignação de materiais – como uma prática de arquitetura; a deposição é arquitetura. Os desdobramentos potenciados pelo discurso sobre as deposições são depois conduzidos à dobra de um recinto que se impõe como uma casa (Vale 2011); uma casa que é o ator maior da narrativa.

McFadyen (2016), no estudo de fragmentos de algumas das deposições do Castelo Velho, questiona o processo de fragmentação que estaria inerente a esta prática. Desta perspetiva, reforça o carácter fragmentado e o estatuto de fragmento de tais elementos na composição das deposições (ver também Baptista *ibid.*; Oliveira *ibid.*). A par disto, salienta também que fragmentos de um mesmo recipiente numa mesma deposição podem exibir estigmas que remetem para diferentes usos após a sua fragmentação, ou seja, sugerindo uma alargada e complexa teia de práticas que poderiam concorrer numa mesma deposição. Uma alargada e complexa teia que é exponenciada quando se considera que tal natureza fragmentária da componente cerâmica exige pensar em contextos que estão em falta e que remetem para um infinito número de entrelaçamentos entre práticas distribuídas num território por definir. Para falar deste território, a narrativa centra-se nos muros do recinto do Castelo Velho, nas passagens e nas suas condenações, nos enchimentos de estruturas escavadas na rocha... uma narrativa da vida de elementos arquitetónicos específicos.

Lopes (Jorge 2014) lê a tradução de McFadyen como um ensaio com a estranheza do passado e a ambiguidade dos vestígios do passado e, nesta leitura, vê as deposições do Castelo Velho como uma realidade dobrada sobre si mesma cujo sentido nos escapa. Face a tal sentido em fuga, Lopes relembra que a arqueologia pode não aceder a esse sentido, mas permite-se cartografar os sistemas de signos em que esse sentido é edificado. Neste caso, seria a cartografia de um sistema de signos de um dispositivo arquitetónico: o Castelo Velho. A narrativa em potência é a do sistema de signos de um recinto que, na sua condição de monumento, acolhe em si práticas cerimoniais das quais resultam deposições.

Nestes exemplos, a análise das deposições permite exceder as escalas de análise e reorientação dos inquéritos em desenvolvimento. Excede-se e reorienta-se a análise usando as dobras de cada deposição como uma estratégia de atualização. Porém, neste movimento, a deposição – enquanto existência singular – perde o seu protagonismo face ao peso da análise de cada uma das partes que a constitui e questões que a sua estranheza suscita. A sua unidade acaba por ficar diluída numa narrativa que segue um objeto de análise privilegiado: o dispositivo arquitetónico. Parece que no movimento da

exploração dos sentidos das deposições não há outra alternativa a não ser o de reproduzir a uma escala contextual aquilo que estava já definido à escala do sítio; servindo as deposições para colmatar com aquilo que ainda não estava dito sobre a narrativa dos recintos monumentais. Entre o que já foi dito e o que ainda há a dizer, tem de haver outra possibilidade de fala para a diferença destas existências; para o silêncio da realidade dobrada das deposições.

### **As deposições como uma antologia de existências**

Os contextos de deposição da Pré-história Recente apresentam inúmeros exemplos de associação entre diferentes categorias de artefactos. Estas associações são perspetivadas enquanto o resultado de um conjunto de práticas de atualização das relações entre os diferentes elementos que teriam participado no mundo destas comunidades. No sentido de problematizar tais relações, as deposições são entendidas como uma “soma de partes” para, a partir dessas “partes”, tentar reconhecer o conjunto de espaços e de tempos que se encontram congregados nessa “soma”. Frequentemente, as espacialidades, as temporalidades e as práticas reconhecidas nestas “partes” são entendidas enquanto elementos que são invocados, pela prática de deposição, na produção de lugares que atualizam as relações entre comunidades e territórios. Em traços gerais, esta abordagem permite compreender a multiplicidade de relações que teriam concorrido na formalização destas deposições e, assim, contribuir para a compreensão do seu papel enquanto prática social. Na edificação desta trama de ligações, a análise acaba, porém, por descuidar que nesta prática de associação de diferentes “partes” há uma “soma” que poderia ter sido, ela própria, uma nova unidade.

Na associação entre diferentes partes há a possibilidade de emergência de outras unidades que teriam também participado, enquanto agentes sociais, nas dinâmicas destas comunidades. Neste sentido, as deposições são práticas de exploração e congregação do devir de entidades prévias e que, nesta exploração, fazem emergir novos atores sociais; ou novas existências. Pensar nestas novas existências é uma estratégia necessária para centrar a análise à escala e no âmbito das deposições. Note-se que este trabalho é feito a propósito dos artefactos e das arquiteturas. Um utensílio lítico é entendido

enquanto dispositivo que emerge num conjunto de práticas e que, por sua vez, gera outras práticas; a sistematização de cadeias operatórias é uma tradução desta existência. O mesmo se passa com recipientes cerâmicos ou objetos metálicos, a olaria ou metalurgia são práticas que exploram o devir dos materiais para gerar atores que, por sua vez, ativam outras práticas (de interação ou intensificação de relações sociais e económicas, por exemplo). No caso dos dispositivos arquitetónicos, o estudo de técnicas construtivas fala-nos de da emergência destes atores, dando ênfase ao modo como reconfiguram as relações entre os materiais (a pedra, a argila e a madeira), reconfigurando também as relações entre elementos da paisagem e o movimento de bens, pessoas e ideias. Tal exploração não se passa com as entidades que emergem das/nas deposições; parece serem entidades que, colocando-se em fuga no momento de interpretação/definição, são depois convocadas a uma narrativa que a faz deslizar entre vários atores (a cerâmica, a arquitetura...); um deslizamento que perpetua a sua fuga. Face a isto, parece ser necessário contrariar esta tendência e ensaiar um modo de analisar e de narrar mais ajustado a estas existências. Um modo de analisar e narrar mais ajustado à resistência que estas existências apresentam no trabalho de redução necessário à sua compreensão.

## Antologia de existências

A expressão “antologia de existências” usada no título desta secção, foi retirada do texto “A vida dos homens infames” de Michel Foucault (2006 [1977]). Neste texto, Foucault analisa as *lettres de cachet*, um documento que corresponde a uma “ordem de prisão com o selo real” utilizado em França durante a Época Moderna. Estes documentos permitiam que os súbditos reportassem diretamente ao Rei os problemas do seu quotidiano. Para se ter uma ideia do que trata este tipo de instrumento jurídico, veja-se um dos exemplos dado por Foucault acerca dos seus conteúdos. Neste caso, a denúncia é feita pela mulher de Nicolas Bienfait, que:

“toma a liberdade de representar muito humildemente a Vossa Senhoria que o dito Nicolas Bienfait, cocheiro de aluguer, é um homem muito desabrido que a mata com pancada, e que vende tudo tendo já feito morrer as suas duas mulheres de que a primeira matou-lhe o filho no corpo, a segunda depois de lhe ter comido e vendido, com os seus maus-tratos a fez morrer

à minguá, a ponto de querer estrangulá-la na véspera da morte... A terceira, quer-lhe comer o coração no churrasco para não falar em muitos outros assassínios que fez; Senhor meu, lanço-me aos pés de Vossa Grandeza para implorar a Vossa Misericórdia. Espero da vossa bondade que me façais justiça, pois estando a minha vida em risco a todo momento, não deixarei de pedir ao Senhor pela conservação de vossa saúde..." (ibid.: 120-121).

Face a estes documentos, Foucault encontra o registo de "vidas de algumas linhas ou de algumas páginas, desditas e aventuras sem número, recolhidas numa mão-cheia de palavras. Vidas breves, achadas a esmo em livros de documentos" (ibid.: 89-90). No estudo destes registos, e das vidas com que se correspondem, Foucault, ao invés de se centrar numa perspetiva biográfica sugerida pelo conteúdo do documento, opta por dirigir a sua análise à dinâmica de relação entre o poder e o saber que as *lettres de cachet*, enquanto dispositivo, ativaram durante o período da sua utilização. Como salienta Foucault, estes documentos refazem as relações entre o monarca e os súbditos, permitindo que num mesmo suporte fossem agregados pelo menos dois súbditos, aquele que denuncia e o denunciado, e o rei, ou seja, é um dispositivo que excede as relações espaciais permitindo a encenação de um face a face entre três agentes de um mesmo contexto histórico. A par desta relação triangular, há outros agentes do contexto histórico que suportam essa relação ao permitir o seu registo, como é o caso dos funcionários da Casa Real que poderiam participar na redação das *lettres de cachet*.

Neste documento é colocado um conjunto de relações entre indivíduos que, enquanto relações de conflito e mediação, potenciam que esse conflito e mediação sejam usados como estratégia de alargamento do saber acerca dos indivíduos, das suas vidas e das suas relações, e de alargamento das possibilidades de se administrar e transformar os indivíduos e as suas vidas. Neste sentido, as *lettres de cachet* não são apenas um registo da vida destes indivíduos, mas um elemento que participa nas suas condições de vida; é um instrumento que possibilita a existência destas vidas. Uma existência biopolítica que, entre as relações de poder/saber, fez com que a infâmia fizesse emergir todo um conjunto novo de atores, designadamente de natureza médico-jurídica: os criminosos e as vítimas; os técnicos e burocratas que o crime exige para ser reconhecido; as arquiteturas para o governo de criminosos e

vítimas; entre outros dispositivos que se criam para potenciar e regular estas existências e práticas discursivas.

A par destes novos atores e novos cenários, o quotidiano - uma realidade dobrada em registos de silêncio - vê-se obrigado a fazer-se ouvir e ser posto no discurso das diferentes análises a que se prestam estes novos atores e novos espaços. Considerando esta trama entre os poderes e os saberes, o cruzamento entre práticas discursivas e a reificação do quotidiano potenciadas pelas *lettres de cachet*, Foucault recua face à sugestão do documento histórico em seguir as biografias das vidas que aí são enunciadas, preferindo dar atenção ao modo como tais vidas, no seu encontro com este dispositivo, são esquadrihadas, codificadas e ficionadas enquanto existências. É neste sentido que Foucault olha para o seu trabalho como “antologia de existências”: existências, na medida em que remetem para personagens realmente existentes, mas que nos chegam como personagens que são criados numa dinâmica singular do poder e do saber; e antologia porque não trata de reduzir a singularidade de cada uma das vidas a uma única figura – do infame – e fazer-lhe a sua biografia; mas antologia porque é uma estratégia de ir enunciando cada uma das existências e, com uma narrativa centrada em cada uma delas, pensar nas suas possibilidades e limites de provocar nos poderes e nos saberes uma reação de atualização das práticas discursivas e da emergência de novos atores. Uma narrativa que, centrada numa “mão-cheia de palavras”, dá conta da potência da existência de uma singular consignação.

Quando penso nas deposições tendo em consideração este exercício de Foucault, tenho a vontade de as pensar em moldes semelhantes, isto é, de as estudar como um desafio de criação de uma antologia de existências. Um desafio de pensar as deposições como personagens históricos, ou existências, cujas possibilidades não têm sido enfatizadas pelo poder/saber da arqueologia. Com efeito, apesar das nossas possibilidades de as reconhecer enquanto entidades singulares, quando procedemos à sua problematização, rapidamente são incorporadas em esquemas interpretativos nos quais as deposições são formas de qualificar dispositivos arquitectónicos que, por sua vez, são inquiridos em modelos espaciais que procuram cartografar a especialização funcional dentro de processos de territorialização e de construção de identidades coletivas.

Neste esquema de articulação de escalas de análise – e nos esquemas narrativos que aí se desenvolvem – as deposições acabam por se tornar elementos passivos, aos quais não se dá a possibilidade de constituírem uma existência, isto é, de serem personagens realmente existentes: de serem existências singulares que condicionaram o contexto histórico; tal como as pessoas, os animais, os artefactos, os dispositivos arquitetónicos ou os territórios e a multiplicidade dos seus recursos e impedimentos. No fundo, é uma questão de tentar perspetivar não as práticas e os processos em que as deposições são conformadas (e.g. Garrow 2012), mas que tipo de conformações podem ser pensadas a partir da singularidade das deposições. Neste sentido, salienta-se que, prestando mais atenção aos recintos do que às deposições, a arquitetura funciona como uma condição para a emergência destas novas unidades; unidades cuja existência se encontra intrinsecamente associada à casa que as faz nascer. Desta perspetiva, estes sítios parecem casas para uns corpos cuja natureza é outra e cuja anatomia se parece confundir com a própria casa que acolhe a sua existência. Porém, o discurso sobre estas existências não tem necessariamente de seguir este esquema, isto é, o discurso sobre as deposições não tem necessariamente de culminar nos recintos. Pelo contrário, tem de desconstruir este movimento para melhor compreender a existência das deposições e a existência dos recintos.

### **Narrativas; as deposições entre personagens, eventos e enredos**

No sentido de tentar compreender as possibilidades de trazer à frente o papel das deposições vejamos o modo como são construídas narrativas em arqueologia. A este propósito, é de relembrar a análise de M. Pluciennick (1999, 2002) acerca do modo como a narrativa participa na produção do conhecimento da pré-história. Pluciennick (1999) relembra que o conhecimento do passado é constituído, entre outros aspetos, pelas nossas possibilidades e limites de narrar, enfatizando que o esquema narrativo que temos como referência atua desde logo no modo como gerimos a produção e a análise de dados, lançando as condições para constituir os personagens e os eventos das narrativas arqueológicas.

Os personagens de uma narrativa arqueológica são constituídos de acordo com as orientações teórico-metodológicas da pesquisa, sendo equacionados

na relação que os inquéritos permitem desenvolver com os vestígios do passado. Os personagens tanto podem ser constituídos a partir: de expressões materiais, como é o caso de tipos cerâmicos ou tipos arquitetónicos; ou a partir de analogias etnográficas (as comunidades de caçadores-recolectores ou as comunidades de agricultores-pastores). Os eventos, por sua vez, são encadeados de ações que, nesse encadeamento permite organizar cada uma dessas ações enquanto condição ou resultado. O evento exige, deste modo, a definição de um período de tempo e uma dinâmica de ações para esse período. A lógica de encadeamento e a sua delimitação espaço-temporal permitem dar significado a uma ação, colocando em diálogo, ou articulando uma rede de ações. Por exemplo: a construção do recinto de Castelo Velho de Freixo de Numão no III<sup>o</sup> Milénio, na sua correlação com a dinâmica de territorialização, permite definir um período específico no processo de monumentalização ou marcação da paisagem; ou, para quem preferir, a construção do povoado fortificado do Castelo Velho de Freixo de Numão no III.<sup>o</sup> Milénio, na sua dinâmica de territorialização, permite definir um período específico de intensificação e competição pela exploração de meios e recursos regionais e extra-regionais. Ou seja, a constituição de eventos é uma operação crucial na interpretação e criação de narrativas arqueológicas porque é a partir deste processo de delimitação que são criadas as possibilidades para edificar uma ou mais perspetivas, ou reformular perspetivas, que permitem dar significado aos vestígios arqueológicos.

A delimitação de eventos não se processa de forma isolada, exigindo uma relação com aquilo a que Pluciennick (1999) dá o nome de enredo. O enredo de uma narrativa é o que permite a sua compreensão e, por conseguinte, a sua relevância cultural, social e política. Em *Romeu e Julieta*, por exemplo, o enredo corresponde-se com as representações que, de uma forma ou de outra, concorrem no nosso imaginário para nos fazer reconhecer o amor romântico entre duas pessoas e seguir, empatizando ou não, com a possibilidade desta narrativa. O enredo de *Romeu e Julieta*, com os seus personagens e eventos, permite-nos seguir a narrativa e reproduzi-la. E nesta reprodução, proceder à sua atualização. O enredo, neste sentido, é aquilo que nos permite dizer “quem conta um conto aumenta um ponto”. No caso da arqueologia, Pluciennick reconhece que as nossas narrativas, e os nossos modelos

explicativos, se encontram em diálogo com determinadas meta-narrativas, como é o caso do evolucionismo ou o marxismo.

Nesta interação entre personagens, eventos e enredos, a dinâmica narrativa permite ir redirecionando a pesquisa, nomeadamente a partir do jogo de escalas de análise. A análise das deposições tem-se prestado a este jogo; permitindo que, a uma escala baixa, se invoque outras escalas e problemáticas. Contudo, neste mesmo jogo, as deposições perdem protagonismo; a sua individualidade enquanto personagem de uma narrativa desfaz-se em projetos analíticos que privilegiam outros objetos de análise, como se fosse impossível encontrar uma fala para estas existências; ou encontrar uma fala que faça justiça à sua singularidade, ancorando aí o foco da narrativa. Parece que, depois de falar de tudo aquilo que compõe a deposição, no momento de começar a falar da deposição enquanto um novo ator, a narrativa desloca-se para um ator maior, o dispositivo arquitetónico. Como se houvesse um recuo na linguagem da analítica arqueológica face à diferença das entidades que emergem nas/das deposições. Um recuo que faz das deposições apenas o resultado de uma prática. As deposições são o resultado de uma cena anterior; não são atores que emergem das práticas – são um cenário de dois outros atores: as comunidades e os dispositivos arquitetónicos. São cenários de narrativas centradas nestes atores principais. Não há uma narrativa que dê ênfase à sua existência; à des-ordem e vibrante silêncio das deposições.

Como relembra Pluciennick (1999), as possibilidades de narrar também se encontram intimamente com as possibilidades da língua, sendo necessário explorar as linguagens – ou as poéticas – de que se dispõe em arqueologia para alargar as possibilidades de mediação dos vestígios do passado (Shanks 1992, 2012). Não cabe agora, nesta reescrita de um trabalho anterior (Gomes 2003), problematizar o modo como podemos avançar nesta exploração. Mas, como se tem vindo a reforçar, é necessário ver que, na unidade das deposições, há uma in-coerência material, formal e topológica que desafia os esquemas de tradução em arqueologia (Lucas 2012). Uma in-coerência que pode ser usada para explorar as linguagens e os enunciados que usamos enquanto arqueólogos (Joyce *et al.* 2002).

## Considerações Finais

Voltando à ideia de as deposições serem uma realidade com um sentido dobrado sobre si mesma ao qual não temos acesso (Jorge 2005, 2014), devemos ter em atenção que os personagens maiores das narrativas – as arquiteturas, os recipientes cerâmicos ou a indústria lítica, por exemplo – enquanto vestígios do passado (e enquanto existências), cada um com a sua singularidade, não se encontram menos dobrados sobre si mesmo do que as deposições. Porém, a pesquisa arqueológica, nos seus desdobramentos, na sua capacidade de gerar objetos de análise, a partir dos quais aumenta a sua discursividade, soube tratar e cuidar destas singularidades e criar campos de análise (a tipologia, as cadeias operatórias ou a análise espacial), soube criar analíticas específicas que asseguram uma antologia destas existências, garantindo o protagonismo destes elementos nas diferentes narrativas que são produzidas com o sentido de conhecer e dar a conhecer o passado.

No caso das deposições, a situação parece diferente. O protagonismo inicial que se possa dar às deposições parece desvanecer-se no desenvolvimento da análise. Tal tendência, pode estar em associação à fragilidade das deposições enquanto objeto de estudo quando comparado com outros objetos de estudo. Com efeito, a cerâmica, os líticos, os elementos osteológicos ou as arquiteturas são objetos de análise facilmente equacionados em função da coerência da sua ordem material, formal ou topológica; uma coerência que permite ordenar a sua diversidade. As deposições, enquanto unidades compostas de múltiplos elementos, são o oposto desta unicidade, não deixando, porém, de criar uma unidade. Uma unidade que para ser desdobrada precisa de outras analíticas a partir das quais possamos ordenar estas, aparentemente, inordenáveis existências que fogem enquanto agentes de ação nas narrativas; ou enquanto condições de eventos; ou unidades de enredos por considerar. No fundo, é necessário fazer uma antologia acerca destas existências, da sua singularidade, e com essa antologia compreender o modo como as deposições podem fazer diversificar as possibilidades discursivas em arqueologia e, por conseguinte, alargar as possibilidades e os limites de compreender a alteridade que aqui está em cena. Uma antologia de existências que permita uma outra reescrita.

## Agradecimentos

Agradeço à Professora Susana Soares Lopes o convite para participar neste volume e por ter discutido as ideias que aqui apresento; aproveito também para agradecer novamente a sua orientação em diferentes etapas da minha formação académica. No que diz respeito às ideias que apresento sobre as deposições, gostava também de agradecer as discussões que tive com Ana Vale, Lídia Baptista, Lurdes Oliveira, Lesley McFadyen e Sara Luz; agradeço à Joana Alves-Ferreira pela troca de ideias na abordagem ao modo como construímos narrativas em arqueologia; e agradeço também a um(a) revisor(a) anónimo(a) cujas sugestões contribuíram para o enriquecimento do artigo. A investigação foi apoiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia com a bolsa de pós-doutoramento SFRH/BPD/100203/2014 - financiada por fundos nacionais do MCTES, POCH e FCE.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Baptista, Lídia 2003. *A cerâmica do interior do recinto de Castelo Velho de Freixo de Numão. Contributos para a interpretação de contextos de uso*, Porto, FLUP (dissertação de mestrado policopiada).
- Barrett, John 1994. *Fragments from Antiquity. An archaeology of social life in Britain. 2900-1200 BC*. Oxford: Blackwell Publishers.
- Barrett, John 1997. Defining Domestic Space. In M. Parker Pierson & C. Richard (eds) *Architecture and Order*, London/New York, Routledge, 79-88.
- Foucault, Michel 2006 [1977]. A vida dos homens infames. In Bragança de Miranda, J. A. & Cascais, António F. (Orgs) *Michel Foucault, o que é um autor?*, Lisboa, Vega, 89-128.
- Garrow, D. (2012). Odd deposits and average practice. A critical history of the concept of structured deposition. *Archaeological Dialogues*, 18, 85-115.
- Gomes, Sérgio 2003. *Contributos para o estudo dos “pesos de tear” de Castelo Velho de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa). Exercícios de interpretação do registo arqueológico*, Porto, FLUP (dissertação de mestrado policopiada).
- Joyce, Rosemary, with the assistance of Preucel, Robert, Lopiparo, Jeanne, Guyer, Caroline, Joyce, Michael 2002. *The Languages of Archaeology. Dialogue, Narrative, and Writing*, Oxford and Malden, MA, Blackwell.
- Jorge, Susana O. 1993. O povoado de Castelo Velho (Freixo de Numão, Vila Nova de Foz Côa) no contexto da Pré-História Recente do Norte de Portugal. *Trabalhos de Arqueologia e Etnologia, Atas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular, XXXIII*, fasc. 1-2, 179-221.

Jorge, Susana O. 1994. Colónias, fortificações, lugares monumentalizados. Trajectória das concepções sobre um tema do Calcolítico peninsular. *Revista da Faculdade de Letras*, XI, IIª série, 447-546.

Jorge, Susana O. 1999. *Domesticar a Terra. As primeiras comunidades agrárias em território português*, Lisboa, Gradiva.

Jorge, Susana O. 2002. Castelo Velho de Freixo de Numão: um recinto monumental pré-histórico do Norte de Portugal. *Património/Estudos*, 3, 145-164.

Jorge, Susana O. 2005. *O Passado é redondo. Dialogando com os sentidos dos primeiros recintos monumentais*, Porto, Ed. Afrontamento.

Jorge, Susana O. 2014. Enclosures and funerary practices: about an archaeology in search for the symbolic dimension of social relations. In A. C. Valera (Ed.), *Recent Prehistoric Enclosures and Funerary Practices in Europe*, BAR, International Series, 2676, Oxford, Archaeological Press, 71-82.

Ledrut, Raymond 1999. O Homem e o Espaço. In J. Poirier (Ed.), *História dos Costumes – O Homem e o Objecto*, volume 1, Lisboa, Editorial Estampa, 55-89.

Lucas, Gavin 2012. *Understanding the Archaeological Record*, New York, Cambridge University Press.

McFayden, Lesley 2016. Actions in time: after the breakage of pottery and before the construction of walls at the site of Castelo Velho de Freixo de Numão, *Estudos do Quaternário*, 15, 71-90.

Oliveira, Maria de Lurdes C. 2003. *Primeiras intervenções arquitectónicas no Castelo Velho de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa)*, FLUP, Porto (dissertação de mestrado policopiada).

Pluciennik, Mark 1999. Archaeological narratives and other ways of telling. *Current Anthropology*, 40, 653-678.

Pluciennick, Mark 2002. The invention of hunter-gatherers in seventeenth-century Europe. *Archaeological Dialogues*, 9, 98-118.

Shanks, Michael 1992. *Experiencing the Past. On the Character of Archaeology*, London, Routledge.

Shanks, Michael 2012. *The Archaeological Imagination*, Walnut Creek, Left Coast Press.

Vale, Ana 2003. *Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Va Na de Foz Côa). Contributos para o Estudo dos Resultados das Primeiras Campanhas de Trabalhos (1998-2000)*, Porto, FLUP (dissertação de mestrado policopiada).

Vale, Ana 2011. *Modalidades de produção de espaços no contexto de uma colina monumentalizada: o sítio pré-histórico de Castanheiro do Vento, em Vila Nova de Foz Côa*, Porto, FLUP (dissertação de doutoramento policopiada).

Vale, Ana 2019. *Depositions, Assemblages and Relationships in Portuguese Late Prehistory. The case of the walled enclosure of Castanheiro do Vento*. In A. C. Valera (Ed.), *Fragmentation and Depositions in Late Prehistory and Protohistory Portugal*, Lisboa: NIA - Era arqueologia SA, 31-45.

Thomas, Julian 1999. *Understanding the Neolithic*, London. Routledge.

Zemelman, Hugo 2003. *Sujeito e Sentido: considerações sobre a vinculação do sujeito ao conhecimento que constrói*. In B. S. Santos (Org.), *Conhecimento Prudente para uma Vida Decente - "Um Discurso das Ciências" revisitado*, Porto, Edições Afrontamento, 437-446.